

Bioética aos 40 anos: reflexões a partir de um tempo de incertezas

Bioethics 40 years old: reflections from a time of uncertainties
Cuarenta años de Bioética: reflexiones desde un tiempo de incertidumbres

William Saad Hossne*
Leo Pessini**
José Eduardo de Siqueira***
Christian de Paul de Barchifontaine****

RESUMO: Cada época histórica é marcada por certas palavras-chave, que conseguem captar o espírito daquele tempo. Hoje, tudo o que se refere ao âmbito do “Bios” (vida) tem uma instigante novidade, bem como um singular atrativo. Estamos falando de “biogenética” (nova ciência da recriação da vida), de “bioterrorismo” (fabricação de armas biológicas com potencial destrutivo de vidas), “biocombustíveis” (novas fontes de energia extraída dos vegetais) e “biologia molecular” (abrindo as portas para a revolução genômica), entre tantas outras especialidades que começam com o prefixo “Bios”. Em meio a essa explosão de conhecimentos novos ligados à “vida”, surge “a bioética” como um marco crítico de reflexão e discernimento de valores diante dessa revolução bio-tecno-científica. O presente artigo objetiva refletir a trajetória do ideário bioético nesses quarenta anos, tomando por base o cenário do tempo das incertezas e as profundas transformações em diversas instâncias da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Bioética - valores. Revolução biotecnocientífica.

ABSTRACT: Each historical time is marked by certain keywords that catch the spirit of that time. Today, everything concerning the scope of “Bios” (life) has a instigating newness, as well as an attractive singularity. We are speaking of “biogenetics” (a new science of the life re-creation), of “bioterrorism” (the manufactures of biological weapons with a destructive life-threatening potential), “bio-fuels” (new energy sources extracted from vegetation), and “molecular biology” (opening the doors for the genomic revolution), among many other specialties that start with the prefix “Bios”. Linked to this explosion of new knowledge regarding “life” “bioethics” seems to be a critical landmark for reflection and discernment of values before this bio-techno-scientific revolution. The present article aims to reflect the trajectory of bioethical ground ideas in these forty years at a time of uncertainties and deep transformations in several elements of the reality.

KEYWORDS: Bioethics. Bioethics - values. Biotechnoscientific revolution.

RESUMEN: Cada época histórica es marcada por ciertas palabras-llave que logran captar el espíritu del tiempo en cuestión. Hoy, todo aquello que se refiere al ámbito del “Bios” (vida) tiene una estimulante novedad, así como un singular atractivo. Estamos hablando de “biogenética” (nueva ciencia de la recreación de la vida), de “bioterrorismo” (fábrica de armas biológicas con potencial destructivo de vidas), de “biocombustibles” (nuevas fuentes de energía que se extrae de los vegetales) y de “biología molecular” (que abre las puertas a la revolución genómica), entre tantas otras especialidades que comienzan con el prefijo “Bios”. En medio de esta explosión de conocimientos nuevos ligados a la “vida” surge “la bioética” como un marco crítico de reflexión y discernimiento de valores delante de esa revolución bio-tecno-científica. Este artículo tiene por objetivo reflejar acerca de la trayectoria del ideario bioético en esos cuarenta años tomando por base el escenario del tiempo de las incertidumbres y las profundas transformaciones en diversas instancias de la realidad.

PALABRAS-LLAVE: Bioética. Bioética - valores. Revolución biotecnocientífica.

* Médico. Coordenador do Programa *Stricto sensu*, Mestrado e Doutorado, em Bioética, do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. Professor Emérito da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Botucatu, Faculdade de Medicina. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Bioética e Coordenador da CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – do Ministério da Saúde, Brasília (DF). Coeditor da Revista *Bioethikos*, do Centro Universitário São Camilo. E-mail: secretariamestrado@saocamilo-sp.br

** Teólogo. Professor doutor no Programa *Stricto sensu*, Mestrado e Doutorado, em Bioética, do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. Autor de várias obras na área de Bioética, entre outras: *Distanásia: até quando prolongar a vida?* 2a ed. São Paulo: Loyola; 2006. Coautor, com Luciana Bertachini, de *Humanização e cuidados paliativos*. 4a ed. São Paulo: Edições Loyola; 2009; *Cuidar do ser humano: ciência, ternura e ética*. 2a ed. São Paulo: Paulinas; 2009. Coeditor da obra *Ibero-american Bioethics: history and perspectives*. New York: Springer; 2010.

*** Médico cardiologista. Pós-doutor em Bioética pela Universidade do Chile. Membro do *Board* da Associação Internacional de Bioética. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Bioética. Membro da Câmara Técnica sobre Terminalidade da Vida e Cuidados Paliativos do Conselho Federal de Medicina (CFM). Conferencista e autor de inúmeros artigos na área da humanização da medicina e bioética.

**** Enfermeiro. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Católica de Lisboa (Portugal). Reitor do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética – regional de São Paulo (2009-2012). Autor e coautor de inúmeras obras na área da bioética, entre outras: *Bioética e início da vida: alguns desafios*. Aparecida (SP): Idéias e Letras; 2004. Coorganizador de *Bioética, vulnerabilidade e saúde*. Aparecida: Idéias e Letras; 2007. Coeditor da obra *Ibero-american Bioethics: history and perspectives*. New York: Springer; 2010.

INTRODUÇÃO

Cada época histórica é marcada por certas palavras-chave, que conseguem captar o espírito daquele tempo. Hoje, tudo o que se refere ao âmbito do “Bios” (vida) tem uma instigante novidade, bem como um singular atrativo. Estamos falando de *biotecnologia* (carro-chefe da economia no séc. XXI), *biogenética* (nova ciência da recriação da vida), de *bioterrorismo* (fábrica de armas biológicas com potencial destrutivo de vidas), *biocombustíveis* (novas fontes de energia extraída dos vegetais) e *biogenômica* (abrindo as portas para a revolução genômica), entre tantas outras especialidades e produtos que começam com o prefixo “Bios”. Em meio a essa explosão de conhecimentos novos ligados à “vida”, surge a *Bioética* como um marco crítico de reflexão e discernimento de valores diante dessa revolução bio-tecno-científica.

A Associação da Bioética com o mundo das incertezas contemporâneas, tentando aí discernir o que afeta de modo radical nossa existência, adquire uma característica de um compromisso urgente, pois o que está em jogo é justamente nossa vida, a vida de todos e a própria vida do planeta. A certeza absoluta de vivermos no futuro se tornou um grande ponto de interrogação, uma incerteza de primeira grandeza; esse é drama que estamos vivendo hoje em nível global, planetário. As pesquisas e previsões de cientistas, biólogos e cosmólogos, entre outros especialistas que se preocupam com o futuro da vida no Planeta, são simplesmente terríveis. Se não mudarmos nossos hábitos e as formas como intervimos na Terra, segundo eles (o chamado fator antrópico), estaremos definitivamente condenados ao fogo! Mas muitos, em tom mais radical, desenharam um novo apocalipse de destruição e fim de tudo, afirmando que tomamos consciência muito tarde, pois o dano já foi feito e é irreparável. O planeta se transformou num paciente terminal! O desfecho final é apenas uma questão de tempo. Estamos condenados, não existe mais saída, a esperança acabou. Mesmo James Lovelock, com sua genial intuição de denominar a Terra como “Gaia”, um organismo vivo, quando se volta para o amanhã, vê somente fogo e o final de tudo dentro de alguns bilhões de anos!

Tomemos como exemplo um depoimento de Martin Rees, astrônomo, professor de cosmologia da Universidade de Cambridge e Presidente da Royal Society, no Reino Unido¹. Numa entrevista, perguntado a respeito sobre

os três maiores perigos que enfrentaremos neste século, assim se posicionou: Primeiro, que os seres humanos, coletivamente, devastem a biosfera, destruam a biodiversidade e mudem o clima de maneira nociva. Segundo, que possa haver uma guerra nuclear entre novas superpotências. Terceiro, que alguma tecnologia nova possa apresentar risco se for usada de modo equivocado ou por terroristas.

O cosmólogo inglês Rees, nesse momento, introduz o conceito de “bioerro”, descrevendo um cenário futuro em cores apocalípticas: “um único evento de bioterrorismo ou ‘bioerro’ fará um milhão de vítimas em 2020”. E encontra uma explicação:

Em 2020, haverá milhares ou mesmo milhões de pessoas capazes de causar uma catástrofe biológica. Minha preocupação não é apenas com grupos de terroristas organizados, mas com idiotas individuais com a mentalidade destas pessoas que hoje produzem vírus de computador. Eis o tal do bioerro.

O professor amacia a previsão ao dizer que o risco deste cenário catastrófico é real, mas que ele tem “a esperança” de perder a aposta. Segundo ele, “A distribuição justa dos benefícios da globalização cortaria os riscos de dano à nossa civilização”¹.

A presente reflexão é fruto da inquietação da “angústia criativa” dos editores e autores que se concretizou no compromisso de elaboração da obra *Bioética em tempo de incertezas*², comemorativa dos 40 anos do surgimento da bioética (1970-2010) e dedicada à primeira turma de Doutorado, assim como aos primeiros mestres do Programa *Stricto sensu* em Bioética, do Centro Universitário São Camilo, o primeiro do País, instalado em 2004. O mapa das principais incertezas da contemporaneidade, bem como as reflexões bioéticas decorrentes, estão desenvolvidas na nossa obra *Bioética em tempo de incertezas*. Obviamente, nem na obra e muito menos aqui nesta reflexão, em nenhum momento cogitou-se esgotar a temática, mas tão somente introduzi-la e instigar para uma reflexão bioética mais aprofundada. Esse desafio foi aceito prontamente pelos colaboradores da obra. Nosso intuito foi de estimular esses pensadores a refletirem bioeticamente sobre as principais incertezas que marcam e identificam este momento histórico como pós-modernidade, bem como pensarmos juntos sobre perspectivas de convivência saudável quando possível, ou mesmo a necessária superação.

Nosso texto parte de alguns flashes históricos em relação à gênese da bioética e seus inícios em terras brasi-

leiras, fazendo uma aproximação entre bioética e o clima de incertezas de nosso tempo (I). Segue elaborando um rápido checkup das incertezas contemporâneas (II), bem como questiona se é possível superar as incertezas. Aqui se apresenta a necessidade de elaboração de uma ética de responsabilidade para com o futuro no aqui e agora de nossa história (III). A seguir, diagnostica-se que estamos passando do nível das incertezas para o enfrentamento de desafios e, nesse contexto, a bioética apresenta-se como uma interlocutora privilegiada (IV). Essa bioética, frente às incertezas, que mobilizam nossas angústias criativamente da “Disforia” (somo sintoma, ou seja, mal-estar provocado pela ansiedade) à euforia (alegria intensa), abre-se para um horizonte de esperança em que todos somos convocados a sermos proativos e protagonistas.

BIOÉTICA NOS SEUS INÍCIOS

Notícias de sua gênese

Contextualizamos a presente obra no âmbito do surgimento do movimento bioético mundial, que completa quatro décadas neste ano de 2010, com algumas informações históricas das origens da bioética no início da década de 1970³.

A histórica publicação de um artigo intitulado *Bioethics, science of survival*⁴ e, logo após, do livro *Bioethics: Bridge to the Future*⁵ (*Bioética: ponte para o futuro*) por Van Rensselaer Potter (Madison, WI) em 1970 e a criação do Instituto Kennedy de Ética na Universidade Georgetown (Washington, D.C.), em 1971, por André Hellegers, com o apoio de Sargent Shriver e da Família Kennedy, são os fatos que marcam oficialmente o “nascimento” do termo e conceito de bioética. Pesquisa realizada pelo estudioso pioneiro da bioética nos EUA, Warren Reich⁶, que é o editor-chefe das duas primeiras edições da Enciclopédia de Bioética, identifica Potter, Hellegers e Shriver – como “pais” da bioética, falando de um duplo local de nascimento, Madison, WI e Washington, D.C. A bioética no seu nascedouro é definida pela *Enciclopédia de Bioética* (1995) como “o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e da saúde, enquanto esta conduta é examinada à luz de valores e princípios morais”⁶ (p. xxi).

Recentes pesquisas no âmbito da bioética nos trazem uma grande novidade em relação às suas origens. Somos levados a recuar no tempo e na história e encontrar, em

1927, na Alemanha, em *Halle an der Saale*, Fritz Jahr. Ele era um pastor protestante, filósofo e educador que publicou no influente periódico científico alemão, *Kosmos*, um artigo intitulado: *Bio-Ethics: A Review of the Ethical Relationships of Humans to Animals and Plants* (Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas). Nessa publicação, Jahr propõe um *Imperativo Bioético*, ampliando o imperativo moral de Kant (Age de tal modo que consideres a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa dos outros, sempre como fim e nunca como simples meio), para todas as formas de vida. “Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal” é o imperativo bioético de Jahr. O conceito de bioética de Jahr é mais amplo do que o conceito dos pioneiros norte-americanos, incluindo para além do ser humano, *todas as formas de vida*⁷.

Jahr, ao refletir sobre o crescente progresso da fisiologia de seu tempo e os desafios morais relacionados com o desenvolvimento de sociedades sempre mais seculares e pluralistas, redefine as obrigações morais em relação a todas as formas de vida, humanas e não-humanas, criando um conceito de bioética como uma disciplina acadêmica, princípio e virtude. Embora Jahr não tivesse exercido uma influência histórica como era de se esperar, pois viveu em tempos turbulentos, tanto política quanto moralmente, sua visão e argumentos éticos de que uma nova ciência e tecnologia exigem uma nova reflexão (e solução), ético-filosófica, são uma contribuição esclarecedora para a terminologia, incluindo o entendimento das dimensões “geo-éticas” da bioética.

O conceito de bioética não foi pronta e facilmente aceito na Alemanha. Era considerado por demais controverso (“produto americano”). Somente a partir de 1986 o termo foi oficialmente introduzido e passa a ser utilizado com mais frequência. É justamente um compatriota de Jahr, o bioeticista alemão Hans-Martin Sass, que há anos trabalha no Instituto Kennedy de bioética em Washington D.C., nos EUA, que resgata, do silêncio da história, a figura de Fritz Jahr, bem como seu arrojado e avançado conceito de bioética (1927), cuja visão está no centro de todos os debates bioéticos nesse início de século XXI^{8,9}. Ainda mais para o final de nossas reflexões, retomaremos a discussão a respeito da gênese da bioética com as implicações a partir de uma tomada de posição 40 anos após seu surgimento. A seguir apresentamos uma rápida notícia do surgimento da bioética em terras brasileiras¹⁰.

A bioética em terras brasileiras: algumas notas

Consideramos importante resgatar um pouco da história da bioética brasileira, que teve uma origem considerada tardia, já que ocorreu apenas no início da década de 1990.

Nas décadas de 1980 e 1990, o Brasil, apesar das muitas turbulências, dos chamados “anos de chumbo” da ditadura, conquistou a democracia. Essa democratização do país trouxe a discussão política e ética que determinou a *revisão da constituição* (Constituição da República Federativa do Brasil), que ficou conhecida como a “constituição *cidadã*”, sendo um de seus pontos altos a questão dos direitos humanos, após um período negro marcado por torturas pelo governo militar. Como consequência, outras mudanças se seguiram, como a *elaboração de um novo Código de Ética Médica*, que introduziu em seu bojo questões éticas inovadoras para a sociedade de então, entre outras, a questão dos direitos humanos, transplantes e pesquisa em seres humanos. Nesse mesmo ano, foi publicado o livro *Experimentação com seres humanos*¹¹, que defendia a ideia da criação de comitês de ética em pesquisa. Nesse momento e contexto, a questão da ética na pesquisa envolvendo seres humanos começou a ser discutida nos meios científicos e surgiu a resolução n. 1/88, do Conselho Nacional de Saúde, que não se viabilizou na prática. Esse processo é retomado alguns anos mais tarde (1995-1996), quando da aprovação da resolução n. 196/96 (Ministério da Saúde/Conselho Nacional da Saúde). Essa questão ganhou visibilidade, discussão pública, e o Brasil tem novas diretrizes éticas da pesquisa com humanos, com controle social¹². Hoje temos, no Brasil, mais de 600 comitês de ética em pesquisa cadastrados junto à CONEP (Comissão Nacional de Ética na Pesquisa), que congregam mais de 10 mil pessoas de várias áreas do saber e profissões. As diretrizes éticas da resolução n. 196/96 apresentam um denso conteúdo bioético e se tornaram um verdadeiro guia que inspirou vários centros latino-americanos a elaborarem normas éticas semelhantes. O coordenador da equipe que elaborou esse documento foi William Saad Hossne.

Outro marco importante do início da bioética foi o surgimento da *Sociedade Brasileira de Bioética* (SBB), fundada em 1992, com núcleo inicial na UNESP (Universidade Estadual Paulista), em Botucatu (SP). Em 1995, foi oficialmente registrada como pessoa jurídica em órgãos competentes com ampliação do quadro de sócios e elei-

ção da primeira diretoria nacional, tendo como seu primeiro presidente W. S. Hossne. Uma outra iniciativa importante foi a publicação da *Revista Bioética do Conselho Federal de Medicina*, a partir de 1993. Ainda no âmbito do Conselho Federal de Medicina, destacamos a publicação, em 1998, do livro de característica multidisciplinar, *Iniciação à bioética*¹³. Essas iniciativas facultaram aproximação de valorosos pioneiros, que, com muita sabedoria e prudência, construíram em harmonia uma bioética plural, respeitando as diferentes percepções morais de seus militantes. Outro fato significativo foi a publicação, já em 1991, do primeiro livro de bioética no país, um texto direcionado para os profissionais da saúde refletirem e deliberarem sobre as questões éticas e bioéticas que surgem no seu cotidiano profissional de prestar cuidados em saúde. Trata-se da obra *Problemas atuais de bioética*¹⁴, que está na 9ª edição. Essa obra, ao longo dos anos, foi sendo completamente revista, ampliada e atualizada, e se transformou numa referência básica para os profissionais da saúde e iniciantes no âmbito da bioética.

Em 2002, realizamos o VI Congresso Mundial de Bioética, promovido pela *International Association of Bioethics* (IAB) juntamente com a *Sociedade Brasileira de Bioética* e inúmeras outras organizações universitárias, que abordou a temática: *Bioética, poder e injustiça*. Foi o maior congresso realizado até hoje há história da IAB, com mais de 1400 participantes. Em 2007, durante o VII Congresso Brasileiro de Bioética, realizado em São Paulo, e por iniciativa da Diretoria da SBB, tendo como organizadores Márcio Fabri e José Eduardo de Siqueira, foi lançado o livro *Bioética no Brasil: tendências e perspectivas*, que apresentava as diferentes correntes do pensamento bioético brasileiro¹⁵. No ano seguinte, deu-se o primeiro passo além fronteiras, com a publicação em francês e inglês de número especial da Revista *Journal International de Bioéthique*, editada em Paris, com o título *La bioéthique au Brésil/ Bioethics in Brasil*¹⁶. Entramos em 2010 dando um passo avante ainda mais audacioso, com a publicação pela *Editora Springer Science*, com sedes em Heidelberg, Londres e Nova York, da obra *Ibero-American Bioethics: History and Perspective*, organizada por Leo Pessini, Christian de Paul de Barchifontaine e Fernando Lolas Stepke¹⁷. Esses foram, a nosso ver, os fatos mais importantes que permitiram em tão curto prazo de tempo uma visibilidade internacional à reflexão bioética que se desenvolveu em terras brasileiras.

Ao completar quarenta anos de existência no mundo e praticamente 20 anos no Brasil, estamos num momento

de revisão crítica, em processo de amadurecimento com várias universidades que implantaram cursos de pós-graduação em bioética *stricto sensu*, mestrado e doutorado. Nesse momento, doutorado na área é oferecido no Centro Universitário São Camilo, a partir de 2010 (São Paulo), mas que abriu o primeiro mestrado do país em 2004 e já formou cerca de uma centena de mestres. Essa mesma instituição por meio do seu programa de pós-graduação em bioética, passou a publicar, a partir de 2007, a Revista *Bioethikos*, agora de periodicidade trimestral. Temos, ainda, um programa de doutorado interinstitucional, inaugurado no início de 2010, entre a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz) a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O terceiro programa de doutorado na área de bioética está na Universidade de Brasília (DF).

Esses dados são apresentados apenas para justificar que, embora jovens, consideramos ter maturidade suficiente para enfrentar os desafios de refletir com responsabilidade sobre as incertezas de nosso tempo.

BIOÉTICA EM TEMPO DE INCERTEZAS

A questão que logo de início se apresentou aos organizadores do livro *Bioética em tempo de incertezas* foi a de identificar sobre quais incertezas seria prioritário refletir e se a análise dessas poderia redundar em propostas plausíveis de soluções.

As incertezas que nos cercam são tantas que não seria exagerado dizer que o legado do século XX foi o mais desastroso e cruel registrado em toda a história da humanidade.

Ralph Linton, em *O homem: uma introdução à antropologia*, bem descreveu as incertezas geradas pela I Grande Guerra e prenunciou que esse poderia ser apenas o início de tentativas mais eficientes de destruição da humanidade¹⁸. Pois bem, tivemos uma II Grande Guerra e dela herdamos dois modelos políticos que, embora ideologicamente muito distintos, prometiam a sociedade do bem-estar. O comunismo, sepultado com a queda do muro de Berlim, não somente descumpriu a promessa da sociedade justa e fraterna, como à época de Stalin praticou um dos maiores genocídios da história. A morte da utopia marxista consolidou a presença hegemônica do capitalismo, que fez apenas aumentar a concentração da riqueza nas mãos de poucos, ao mesmo tempo em que condenou ao estado de miserabilidade extrema 1/3 da população da Terra.

E agora, José? sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, você marcha, José, para onde? Perguntaria o poeta! O próprio Drummond, em 1945, analisando os tempos de desalento do pós-guerra anunciou que o verdadeiro nome do poeta era *tumulto* escrito na pedra para sempre e que declinava-se de toda responsabilidade sobre as ações do mundo capitalista.

E quem oferece amparo ao julgamento do poeta é ninguém menos que Eric Hobsbawm, considerado um dos maiores historiadores contemporâneos, que, em entrevista ao jornalista italiano Antonio Polito, na conhecida obra *O novo século*, declarou que o modelo neoliberal entrou em colapso na ruptura da economia capitalista iniciada nos anos 1997/1998 pela inexistência de controles adequados sobre as formas de investimento e os fluxos dos recursos financeiros internacionais¹⁹. A crise sem precedentes históricos da quebra dos sistemas bancários internacionais, ocorrida recentemente, nada mais é do que uma expressão clara do segundo e mais novo rebento gestado pela quebra do fundamentalismo neoliberal. O primeiro, reconhecido como filho bastardo desse modelo, completou oito anos em 11 de Setembro de 2009 e apresentou ao mundo a forma mais monstruosa de todos os fundamentalismos pretéritos, o que nos faz indagar como fez o poeta *E agora, José, para onde?*

Retornando à tribuna privilegiada dos filósofos, veremos que o casamento entre o ato de pensar e a esperada ação dele decorrente nunca foi harmônica. E essa é justamente a travessia que a bioética busca realizar desde sua fundação, no início dos anos 1970, inaugurada com o lema potteriano de uma ponte segura para o futuro da existência humana.

Voltando à filosofia, desde o célebre discurso do método cartesiano, que prometia extrair da razão o afastamento das contingências gestadas na prisão escolástica, passando pelo brilho sedutor do iluminismo, que culminou na promessa marxista da construção de sociedade fundada na igualdade absoluta por meio da ação contundente da luta de classes que levaria os proletários de todo o mundo à realização do império universal da paz perpétua imaginada pela utopia kantiana, fomos incapazes de caminhar do pensar para a ação em vista de construir a solidariedade entre os homens.

Adorno, em *Dialética Negativa*, embora reconhecendo que, no século XX, a filosofia deixou-se intimidar pelo impe-

rativo da racionalidade científica, alertou sobre a necessária recuperação do autêntico pensar filosófico, mesmo após a tentativa marxista de desacreditá-la, pois “em um estado de não-liberdade, ninguém tem uma consciência liberada”²⁰.

Sócrates, sem dúvida, foi o pensador que mais se dedicou à atividade de pensar e o fez sem a pretensão de convencer os cidadãos da *polis* da supremacia de quaisquer crenças ou convicções. Habermas, herdeiro tardio dessa escola, compreendeu que mais importante que aceitar as razões do outro como pessoa individual melhor seria acolhê-las dentro de uma comunidade ideal de comunicação, em que as diferentes percepções morais deveriam privilegiar o ambiente do diálogo respeitoso e isento de saberes preconcebidos para construir a sociedade.

Hannah Arendt, contemporânea de Habermas, concordou que a convivência humana harmônica somente poderia concretizar-se por meio da ação e da palavra no espaço público, entretanto afirmou que, contrariamente à proposta habermasiana, a experiência construída na *polis* grega nunca foi devidamente recomposta na modernidade. O pensamento arendtiano parece útil para a busca de compreender as complexas questões morais que ocupam a reflexão bioética em tempo de incertezas^{21,22}.

Indiscutivelmente, o mal maior que nos trouxe a modernidade foi o da irreflexão das pessoas frente à tirania imposta pelas regras do mercado de consumo. Quando todos são transformados em seres acrílicos, tudo passa a ser possível, até mesmo as diferentes formas de totalitarismos explícitos ou aqueles travestidos de singelos modelos de autoajuda para vencer as incertezas existenciais.

É consenso na bioética, enquanto ética aplicada, que a irreflexão nos momentos de crise tão aguda como a atualmente vivida pela sociedade pode ser fatal para a sobrevivência humana e do próprio planeta, pois nunca estivemos tão próximos do precipício. Claro está que não se busca a construção do impossível paraíso terrestre, mas a criação de mecanismos entre o pensar e o agir para fundar uma nova época da história, em que a esperança substitua as incômodas incertezas de nosso tempo.

Afinal, não podemos permitir que Sócrates morra novamente, e, por isso, recorreremos aos melhores atores da bioética contemporânea.

Um rápido check up das incertezas contemporâneas

Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço criador da Psicologia Analítica, entendia possível conhecer as

inseguranças e complexos de uma pessoa utilizando o teste de associação de palavras²³. A técnica, conduzida pelo terapeuta, consistia em apresentar uma palavra, chamada *indutora*, e, a seguir, solicitava-se que o paciente, por meio de livre associação de ideias, enunciasse outras palavras *induzidas* em resposta à previamente apresentada pelo terapeuta. A palavra indutora *pai*, por exemplo, poderia favorecer à articulação dos termos induzidos, *raiva, sabedoria, autoridade, ranzinza*. Caberia ao psiquiatra anotar o tempo para emissão de cada palavra, assim como observar a reação emocional do paciente ao pronunciá-la. A análise detida do significado oculto da livre associação das palavras indutora e as correspondentes induzidas forneceria ao terapeuta os elementos essenciais para identificar os desajustes mentais do paciente.

O que ocorreria, na atualidade, caso apresentássemos para um adulto suficientemente lúcido de qualquer grande cidade não uma palavra, mas a seguinte questão *indutora*: Para onde caminha a humanidade? Talvez, poderíamos ter como resposta um longo silêncio, isso porque parece difícil expressar em palavras os momentos de incerteza que vivemos; incerteza sobre a sobrevivência da espécie humana e da própria vida do planeta.

Muitos pensadores contemporâneos, observando as dificuldades que estão presentes em grande parte da população, quando da elaboração de juízos morais, consideram que vivemos um estado de anomia ética, já que os alicerces lógico-afetivos que deveriam caracterizar uma comunidade humana desapareceram. Se o iluminismo amparou-se na razão para libertar o homem da ignorância, a pós-modernidade parece ter sepultado todas as promessas de paz perpétua que o racionalismo apontara como seguras. O modelo de sociedade que herdamos do século XX privilegia o circunstancial, o efêmero, o individual, o descartável, a cultura *fast-food*. Nas palavras de Bauman, a sociedade individualizada voltada para o consumo é composta por expectadores passivos em relação à “liquidez” dos valores éticos mais elementares da vida em comunidade²⁴.

Dos gregos, aprendemos que o homem de comportamento virtuoso era aquele que agia conforme os fins compatíveis com a ordem determinada pela natureza; mais ainda, que todo ser racional seria guiado pelos ditames éticos em que as paixões seriam submetidas a ações razoáveis e prudentes. O cristianismo, que bebeu da fonte grega, aduziu a esses ensinamentos a necessidade do

amor compassivo e incondicional a todos, independente da condição do outro, se amigo ou estranho.

Os dez anos iniciais do século XX ainda foram embalados pelo sonho do imperativo moral kantiano: *age de maneira a considerar a humanidade como fim e jamais como meio*. Mesmo após duas insanas guerras mundiais, Habermas, um herdeiro moderno da filosofia kantiana, elaborou a *ética da ação comunicativa*, propondo a criação do imperativo do diálogo efetuado no espaço público por *estranhos morais*, tendo como premissas o respeito, o acolhimento de diferentes argumentos, que fosse simétrico e buscase o consenso e, na impossibilidade de obtê-lo, que se encontrasse soluções as mais razoáveis e prudentes possíveis.

A proposta habermasiana visava a sobrepor-se à ética maquiavélica, que propunha que quaisquer meios empregados nas ações humanas estariam moralmente justificadas desde que atingido o fim desejado, como o privilégio da força em detrimento da razão²⁵. É imperioso concluir que a pós-modernidade consagrou a vitória da descrição maquiavélica do poder do Príncipe, pois criamos uma sociedade que privilegia o *Ter* como valor moral e a competição baseada na *Lei de Gerson* como regra para solucionar os conflitos morais, o que, sob a ótica da Psicologia Analítica Junguiana, desvela nossa insegurança maior, qual seja, a da solidão e do medo diante de uma sociedade hostil, não solidária, do salve-se quem puder.

Relações interpessoais flexíveis e frágeis seguem o modelo do jogo capitalista, em que tudo é decidido por meio das regras do mercado. A alteridade é substituída por relacionamentos virtuais descompromissados, nos quais o *Ter* apresenta-se como única moeda de troca. O *Ser* torna-se objeto destituído de valor, sendo armazenado no alojamento dos ingênuos, tíbios e pobres de espírito.

COMO SAIR OU CONVIVER COM AS INCERTEZAS: ELABORAR UMA ÉTICA PARA O FUTURO

A questão crucial da interpretação e vivência do tempo

O mapa das principais “incertezas” que marcam a nossa contemporaneidade não pode nos deixar imobilizados na defensiva e fechados em nossas convicções pessoais por mais preciosas que essas sejam. Urge que canalizemos criatividade e criticamente nossas angústias e energias interiores

numa dinâmica da esperança de construção de um futuro humano. A originalidade única do ser humano está justamente nesta habilidade de se projetar no futuro que está na raiz de sua angústia existencial. É isso que nos capacita para irmos além do contexto imediato e nosso existir.

Pensar numa saída frente a tantas incertezas nos mergulha em outras incertezas maiores ainda em termos de valores que sustentam nossas convicções de vida. Nessa perspectiva, uma pergunta não quer calar: para onde vão os valores? Preparar o futuro exige uma ética para o futuro, uma ética do tempo. Jérôme Bindé afirma que as sociedades humanas sofrem de um desregulamento da sua relação com o tempo. Uma contradição da maior importância funciona nelas. Cada vez mais precisam se projetar no futuro para sobreviverem e prosperarem. E cada vez mais lhes falta um projeto. Alguns falam de um divórcio que se aprofunda entre projeção e projeto. Esse divórcio prospera por um lado, porque os grandes esquemas de pensamento e de representação em longo prazo ruíram e, por outro, porque a mundialização e o surgimento de novas tecnologias impõem às sociedades a lógica do “tempo real” e o horizonte do curto prazo²⁶.

Vivemos em uma época marcada pela tirania do imediatismo ou da urgência, sob a pressão do imperativo de resultados imediatos. Estamos encharcados numa ideologia que nos manipula impondo a ideia economicista de tempo. Não é a toa que ouvimos com frequência que *time is money* (tempo é dinheiro). Isso provoca o apagamento acelerado das referências à ideia do projeto coletivo. Já não conseguimos projetar-nos numa perspectiva de longo prazo. Dessa forma, a urgência desorganiza a estrutura do tempo e retira a legitimidade da utopia. O tempo parece momentaneamente abolido. Podemos nos perguntar se não seria isto que está levando as pessoas, numa corrida frenética profundamente estressante, sem saber para onde estão indo e muito menos o porquê estão fazendo algo, mas peremptoriamente afirmando “não tenho tempo”?

Como reconstruir o tempo na hora da globalização rompante? Temos dois obstáculos que precisam ser superados. Em primeiro lugar, trata-se do domínio do contrato social que apenas concebe obrigações entre sujeitos aproximadamente iguais e empenhados em relações de troca baseados em cláusulas recíprocas. Urgentemente temos que alargar a comunidade ética a sujeitos futuros, em relação aos quais estamos numa relação totalmente assimétrica. O segundo obstáculo é a “miopia temporal” da

época, que se traduz tanto por uma amnésia em relação ao passado, ainda que próximo, como por uma incapacidade em nos inscrever num futuro sensato²⁷.

Alguém já disse que o século XXI será ético e prospectivo ou simplesmente não existirá! O grande desafio a ser trabalhado é *prever para prevenir*. A distância entre o enunciado de uma ideia e a sua realização é muitas vezes enorme. Uma geração, mesmo várias, é, por vezes, o prazo mínimo para que uma política produza os seus frutos. Como o curto e o médio prazo estão já em “boa marcha” em relação ao essencial, a sorte das gerações futuras vai depender cada vez mais da nossa aptidão de ligarmos visão em longo prazo, com decisões atuais. O reforço das capacidades de antecipação e de prospectiva deve, portanto, ser uma prioridade para os governos, as organizações científicas, instituições científicas e universitárias e para cada um de nós.

Se não agirmos a tempo, as gerações futuras correrão o risco de simplesmente não existirem, ou, existindo, ficarão prisioneiras de processos tecnológicos que se tornarão incontroláveis, tais como a degradação ambiental, a disparidade entre o norte rico e o sul pobre, o *apartheid* social, entre outros elementos. Daí a necessidade de se construir uma ética ou bioética do futuro a partir de uma prospectiva dos valores. Não foi, nesse sentido, profética a intuição de Potter, quando cunhou a bioética como *uma ponte para o futuro*, como comentamos na introdução?

Transformações em curso que mudam o cenário

Três evoluções são determinantes. A primeira evolução diz respeito *a mutação temporal da responsabilidade*. Até muito recentemente, éramos responsáveis apenas por atos passados. Quando lemos Hans Jonas, descobrimos uma responsabilidade para com o futuro da existência da vida humana e do planeta²⁸. A sobrevivência dependerá de nós, dirá outra grande pensadora do século XX, Hannah Arendt. Enfim, podemos dizer que futuro existirá como esperança concretizada se construirmos juntos uma ética da responsabilidade.

A segunda evolução importante em curso é, surgimento do *princípio da precaução*. Qualquer prospectiva é efetivamente uma gestão do imprevisível e da incerteza, logo, do risco. O novo princípio da precaução, que adquire sua consistência na perspectiva do referencial da *prudência* (sabedoria prática), nos revela uma relação conflituosa com uma ciência que interrogamos menos pelos

conhecimentos que ela propõe, do que pelas dúvidas que insinua²⁹. As obrigações tomam aí a forma da ética. Isso nós vemos, hoje, muito evidente no âmbito da tecnociência e da pesquisa em seres humanos. Quando as incertezas aumentam desproporcionalmente a possibilidade de riscos e danos fatais, é prudente que façamos uma trégua, aprofundemos a pesquisa, para então prosseguir com mais segurança e “certezas”. Não é pelo fato que podemos fazer algo que logo devemos realizá-lo. O *imperativo do fazer* tem que comparecer perante o tribunal do *imperativo ético*!

Finalmente, a terceira evolução, *o patrimônio passa a fundar uma responsabilidade humana perante as gerações futuras*, era um legado simples do passado e passou a reunir toda a cultura e também toda a natureza. Já não se limita “às pedras”, mas integra o patrimônio imaterial e simbólico, ético, ecológico e genético. A função do patrimônio não é tanto a de transmitir e perpetuar objetos ou valores como a de criar um sentido dinâmico da solidariedade inter e transgeracional, isto é, de dar um sentido à perpetuação da espécie humana, uma razão de viver aos seres humanos³⁰.

A construção de uma ética e bioética para o século XXI exige uma reformulação completa do pensamento, que fica “complexo”. Descobrimos isso ao ler Edgard Morin³¹. Urge, nesse empreendimento, profundamente desafiante, o restabelecimento de uma ligação viva entre o passado e o futuro, pois, sem isso, qualquer referência à tradição está condenada a surgir como ideologia fundamentalista retrógrada, ao passo que a formulação dos projetos para o amanhã apenas acontece como forma desvalorizada da utopia. Afinal, foi o próprio Heidegger que, em sua obra maior, *Ser e Tempo*, entendeu o fazer filosófico como uma construção erigida sobre a desconstrução dos conceitos tradicionais, esclarecendo, entretanto, que isso não deveria significar a negação da tradição, mas a *apropriação positiva* dos valores incontestáveis nela contidos³².

O nascimento de “um novo mundo de probabilidades” para além das incertezas e de um novo conceito de racionalidade

Estamos nos movendo de um mundo de incertezas para um *mundo de probabilidade*. Precisamos encontrar o caminho estreito entre um determinismo alienante e um universo que é governado pelo acaso sendo portanto, inacessível para a nossa razão. A realidade como foi construí-

da pela mecânica clássica era comparável a um autômato. Nós, hoje, estamos chegando a um conceito diferente de realidade, *o conceito de um mundo em construção*. Esse conceito quebra com a tradicional hierarquia das ciências, exatas e humanas, que basicamente falavam de certezas.

Nesse novo universo, que não é mais um universo de certezas, teremos que também restabelecer o conceito de valor. O que de fato poderia significar o conceito de valor num mundo determinista? Os Gregos nos transmitiram dois ideais. O primeiro é o da inteligibilidade da natureza e o segundo é o ideal da democracia, baseado na premissa da liberdade humana, criatividade e responsabilidade. Estamos longe ainda de realizar esses dois ideais, mas pelo menos sabemos que eles não são contraditórios. A natureza é muito mais rica, surpreendente e complexa do que imaginamos no início do século XX. Nesse novo século, nos diz Ilya Prigogine, veremos o surgimento de um *novo conceito de racionalidade*, em que a razão não mais estará associada com a certeza, nem provavelmente com ignorância, mas com *a criatividade da natureza e do homem*. Aqui sim podemos falar que estamos assistindo a uma verdadeira revolução copernicana! Haja sabedoria ética para conduzir essa espantosa novidade que afeta o ser humano já no seu presente e decisivamente no seu amanhã³³.

Enfim, temos que construir uma ética do futuro que é fundamentalmente *uma ética do tempo que reabilita o futuro, mas também o presente e o passado*. A ética do futuro não é a ética no futuro, é a ética do aqui e agora, que nos garante que, mais tarde, possa ainda haver um aqui e agora!

Estamos passando do nível das incertezas para o enfrentamento de desafios

Estamos vivenciando, segundo vários pensadores, uma “era de incertezas”. Por quê? Será que somente em nossa “era” surgiram e persistem incertezas?

Por que, então, nossa era seria era da incerteza? O ser humano, desde que *homo sapiens*, sempre teve que conviver com incertezas. De certo modo, essa condição sempre foi e tem sido um motivo e um indutor para a busca do conhecimento (certeza) e, portanto, para o desenvolvimento da ciência; ao mesmo tempo e até certo ponto para a crença e a fé, de qualquer forma que seja, desde os totens, mitos, lendas, até manifestações religiosas mais elaboradas. Tanto em um caso como em outro, como caminho para a busca da certeza. Aqui a questão não é ciência ou fé?

Não é “aristotélicos” ou “platônicos”, não é “franciscanos ou dominicanos”, ao invés do *ou*, cabe o *e*.

Sim, estamos na era de incertezas: por quê?

Se assim é, por que nossa era é a das incertezas? Vários elementos, fatores, motivos e/ou justificativas poderiam ser invocados. Respondendo condensada e sucintamente: porque as incertezas hoje são mais do que incertezas – são sérios desafios. Mas em eras anteriores as incertezas também não eram, muitas vezes, desafios?

Provavelmente sim, mas, hoje, os desafios são muito mais profundos, pois as “certezas” hoje geraram um tal poder, que o ser humano é obrigado a se sentir acuado, assustado ou pelos menos (deveria) consciente dos riscos das incertezas geradas por tal poder. Por que vai desde “suicídio” da humanidade, da destruição das futuras gerações até a biologia sintética, a bioengenharia, enfim à singularidade.

A humanidade dispõe, hoje, de tal poder de “construção e/ou “de destruição” que até os mais céticos e descompromissados são obrigados a ter momentos de “susto”. Como alguém já disse, nossa sociedade hoje é uma “sociedade de risco”; risco para si, para o planeta e para as futuras gerações.

Por isso, as incertezas assumem importância vital – são desafios sérios e graves e, sobretudo, amplamente complexos. Se o equacionamento das incertezas, se o enfrentamento dos desafios não for adequado, as consequências serão muito mais profundas do que vinha ocorrendo antes de nossa era. Acontece, ainda, que tal poder vem sendo adquirido com tal velocidade que interfere com a capacidade de elaboração do novo conhecimento adquirido. Em outras palavras, a análise (no geral) crítica do “novo” obedece a um ritmo de elaboração que não é o mesmo que ocorre na aquisição do poder. Isto é, não se tem o devido “tempo” para a devida avaliação das consequências dos desafios.

Por outro lado, os desafios, hoje, se revestem de outra característica: além dos efeitos previsíveis e/ou colaterais e que podem ser responsabilmente assumidos, podem existir, dada a natureza do desafio, efeitos que não podem ser antecipados e/ou previstos.

Queremos, buscamos, conseguimos poder, mas temos medo desse poder, ou melhor, temos medo de como esse poder pode vir a ser utilizado, empregado e/ou instrumentalizado. Acresce-se a isso que, em nossa era, muitas das incertezas, melhor dizendo, desafios, não se limitam

aos muros dos laboratórios, não se limitam aos espaços dos *experts* (em sua área), “mas atingem toda a sociedade, de modo direto e ou indireto”.

A cada dia, mais cidadãos tomam conhecimento dos desafios, das incertezas e das implicações que podem atingi-lo enquanto Ser humano. As incertezas também são “globalizadas”. Ao lado do consumismo e da descartabilidade (até do ser humano, para alguns), ainda que, às vezes, desenfreadas, existe o instinto da sobrevivência em todo ser humano, que pode estar ameaçado na dependência das atitudes tomadas frente a esse ou àquele desafio.

E daí advem outro fato igualmente importante: os desafios trazidos pelos avanços tecnocientíficos (ciência em todas as áreas do saber) têm obrigado à revisão e equacionamento de desafios (agora sob outra perspectiva e enfoque) atinentes aos problemas e questões “antigas” do cotidiano (situações persistentes). A elaboração, o equacionamento e o enfrentamento dos desafios de nossa era frente ao futuro nos obrigaram a rever deliberações tomadas diante de desafios do passado, mas com reflexos na atualidade e frente a desafios surgidos no presente. É só olhar para o que acontece na área da saúde, em que afloram os desafios das situações persistentes e os desafios das situações emergentes.

Diante de tal poder e diante da ampla e profunda gama de desafios, como a humanidade vem (ou deveria) atuar? Quais as principais incertezas e desafios? Em que campo e espaço da atividade humana ocorrem? Como identificá-los?

O surgimento da Bioética como interlocutora frente aos desafios da incerteza

De imediato, cabe um pequeno comentário sobre todas as questões anteriormente levantadas. Evidentemente, qualquer um de nós poderá tecer considerações a respeito, contudo, é bom lembrar que qualquer consideração deve ser feita tendo em vista que estamos sendo partícipes da “história destes desafios e que estamos todos envolvidos – somos também atores e não apenas expectadores. Não temos como escapular dessa situação”. Assim, reconhecendo esse fato, nos penitenciamos pela eventual impropriedade das considerações que seguem. O tempo deverá se encarregar da devida *garim pagem*.

A propósito das indagações acima feitas, a nosso ver e de muitos, a bioética entra em cena desempenhando papel específico e que, também a nosso ver, deve ser defi-

nido da maneira mais clara possível válida para os nossos dias. Sob esse prisma, julgamos oportuno, em primeiro lugar, tentar situar a bioética em sua trajetória de 40 anos, problematizando algumas das informações a respeito de sua gênese, que apresentamos no início dessa reflexão, que podem soar como repetição, mas na verdade são reflexões e ampliações históricas necessárias que seguem para uma compreensão mais profunda da questão.

A tragédia das bombas nucleares (Hiroshima e Nagasaki) demonstrou concretamente ao mundo os riscos a que está exposta a humanidade, que poderia ser completamente aniquilada. O desafio ético da Revolução atômica (que também nos legou a medicina nuclear, os radioisótopos, etc.) só passou a ser discutido algum tempo depois, afinal, o mundo estava em guerra.

Vinte anos após a descoberta da dupla hélice do DNA (Watson e Crick, em 1953), a nova biologia, a biologia molecular, nos trouxe a engenharia genética, a geneterapia, a reprodução assistida, a clonagem, etc. Mas nos mostrou, ao mesmo tempo, os grandes riscos (incertezas, desafios) aí embutidos.

É nesse contexto que Potter, inspiradamente e oportunamente propõe a bioética. Costuma-se dizer que a bioética nasceu como um neologismo, com o significado, embutido, de uma espécie de movimento ético para se evitar o mau uso dos avanços de biologia molecular. É verdade que a expressão bioética já fora proposta por Fritz Jahr, em 1927, como já vimos. O sentido potteriano e o contexto são diferentes do sentido utilizado por Jahr. Na realidade, se a bioética nasceu como neologismo, sem um corpo de doutrina estruturado e acabado, nem por isso foi uma expressão vazia, apenas um rótulo. Costuma-se dizer que bioética nasceu em dois berços: o de Wisconsin, em Madison, com Van Rensselaer Potter, que vai assumir uma perspectiva mais cósmica-ecológica, e o de Washington D.C., com Hellegers, na *Georgetown University/Instituto Kennedy*, onde prosperou o modelo principialista da bioética, paradigma que será hegemônico por mais de duas décadas numa história de quarenta anos da bioética, mesmo na fase inicial de internacionalização^{34,35}.

O que nasceu em cada um desses lugares não foi a mesma perspectiva de bioética. Sem a pretensão de análise histórica, vale, porém, assinalar e assimilar esse fato, pois a nosso ver, isso é importante para as considerações que se seguem.

Ao nos referir à bioética, assumimos a visão potteriana, sem nenhum demérito para a visão e para a grande contribuição de Hellegers e de sua instituição, a *Georgetown University/Kennedy Institute*. Nessa Universidade, prosperou o paradigma principialista de bioética, e a bioética voltou-se prioritariamente para um de seus campos – a biomedicina, sobretudo para a área de reprodução humana, e isso dentro de uma visão mais pragmática e menos filosófica.

Potter, em suas publicações *Bioética: ponte para o futuro* e *Bioética Global*^{5,36}, “pariu” a Bioética com alguns parâmetros bem definidos e que ainda parece oportuno e necessário enfatizar: Bioética é um ciência (ao mesmo tempo disciplina; a nosso ver, hoje deveríamos considerá-la como “área do saber”³⁷ interdisciplinar, que deve trazer os fatos biológicos (sobretudo da biologia molecular) para análise pluralista das ciências humanas. Ao mesmo tempo, a bioética deve se preocupar com todos os fenômenos relacionados à vida (daí *bios* mais *ética*), seja animal, vegetal e o próprio meio ambiente, não apenas da biomedicina e ainda mais, com a preocupação responsável pelo futuro das próximas gerações.

Em sua trajetória, poucos anos após ter nascido, a Bioética sofreu influência de outro fenômeno, quase que por “aspiração” pelo vácuo. Como assinalado, Potter estabeleceu os parâmetros básicos para o significado da Bioética, porém, sem, ainda, um corpo doutrinário e conceitual acabado.

De um lado, isso era salutar, até certo ponto, pois a Bioética nascia livre, capaz de crescer e ir formando, sem amarras, seu corpo de doutrina. Mas à medida que a Bioética vai conquistando espaço, surge a necessidade da atribuição de “alguns princípios”.

Nessa ocasião (1974 a 1978), frente aos escândalos referentes a abusos na pesquisa em seres humanos e frente à insuficiência da própria Declaração de Helsinque, o governo e o Congresso norte-americanos criaram a Comissão encarregada de “identificar os princípios éticos que devem nortear a pesquisa biomédica em seres humanos e que culminou, após 4 anos de trabalho, em 1978, com o chamado *Relatório Belmont* e com a publicação clássica da obra: *Princípios de ética biomédica*, de Tom Beauchamp e James Childress, hoje já na 6ª edição em inglês e 4ª em português³⁸.

Pelos dois documentos (com pequena variação), foram estabelecidos, vale a pena repetir, como princípios

norteadores da pesquisa biomédica: o respeito pelas pessoas (autonomia), a não maleficência, a beneficência e a justiça. Frente ao desafio de estruturar conceitual e doutrinariamente a bioética com total liberdade, por acomodação e por necessidade adotaram-se tais “princípios”, referidos como se fossem princípios da Bioética, constituintes de seu corpo doutrinário e conceitual. Esses princípios que inicialmente foram utilizados na área da pesquisa com humanos, aos poucos, foram sendo introduzidos na prática clínica na área de cuidados de saúde, área onde vão ter grande relevância na solução de dilemas criados pelo processo crescente de tecnologização do cuidado.

Durante algum tempo e até hoje para alguns, inclusive bioeticistas, a Bioética é encarada com certo grau de fundamentalismo, dentro dessa visão reducionista. A nosso ver, os “princípios são de fato elementos importantes e necessários, mas absolutamente insuficientes, mesmo porque o corpo conceitual e doutrinário da Bioética está em franca evolução”. Um de nós³⁹ defende a concepção baseada em “referenciais” como elementos para a deliberação e para a opção de valores, aplicáveis a todo campo de ação e de atuação da Bioética e não apenas à área biomédica, restrita ao ser humano.

O que podemos esperar da Bioética? Qual a sua identidade nesse quadro de incertezas e desafios?

Antes de mais nada, não se deve esperar da Bioética respostas prontas e acabadas, mesmo porque a bioética não se coloca e nunca se colocou como dona da verdade. No momento em que a bioética se tornar dogmática, emitindo receitas prontas e conformes, ela deixará de ser Bioética.

Não cabe e nem deve à Bioética elaborar leis, códigos, disposições deontológicas; é seu papel indispensável subsidiar tais disposições. A Bioética mais fará perguntas àquelas que lhe são apresentadas, mas são perguntas sem as quais não se poderá chegar à melhor resposta. A bioética há de ser pragmática? O pragmatismo, quando cabível, deve ser “bioético”. A Bioética fornece os elementos, os subsídios, os instrumentos, os processos, para o devido equacionamento, para a adequada deliberação e para a melhor opção de valores, frequentemente em conflito. Por isso mesmo, mais do que adjetivar bioética, devemos averbar o substantivo, mais do que “Bioética política” devemos “Bioeticizar” a política.

É óbvio que a Bioética, implicando opção de valores, cria a ambivalência de decisão: o ser humano quer ter a liberdade de poder optar, mas também frente à responsabilidade da deliberação, às vezes, prefere que alguém (chefe, diretor, legislador, governante) tome a decisão (opção). Não se deve, a nosso ver, abrir mão da liberdade em nome da acomodação. Não devemos fugir à “angústia” da opção, devemos aprender a elaborá-la, sem preconceito, com humildade, para respeitar o ponto de vista do outro, e, sobretudo, com a grandeza de alterar a opção, caso ela não seja a mais adequada. Isso tudo nos leva a um mergulho dentro de cada um de nós, levando-nos a uma reflexão crítica e a um juízo, mexendo profundamente com nossas convicções, nossa razão e também nossas emoções. Do mergulho, esperamos sair menos petulantes e arrogantes, e muito mais humildes e modestos na busca da sabedoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bioética: de “ponte para o futuro para “ponte para a sociedade e ponte para a cidadania”

Concluindo nossa reflexão, que na verdade é uma introdução à temática de refletir bioeticamente sobre as incertezas, ousamos dizer que a Bioética, na altura dos seus 40 anos de existência, como acontece com nós humanos nesse momento de maturidade de vida, para planejarmos o futuro, necessitamos fazer uma revisão de vida. É chegado o momento para a bioética, ao pensar no seu futuro, de uma *revisão crítica* do caminho percorrido. É muito sintomático que exatamente nesse momento surgem publicações internacionais que, ao fazerem incursões reflexivas em direção ao seu futuro, reveem o passado^{40,41,42,43}. Nosso texto, nessa perspectiva, se transformou também numa provocação.

A Bioética é fonte que permite a reflexão tanto da incerteza como fator de amarra (ou fator limitante) quanto da incerteza como elemento de liberdade ou de abertura; ou seja, “Bioética e incertezas: da disforia à euforia” ou “Bioética da incerteza como fator de disforia à incerteza como fator de euforia”. Disforia é aqui empregada como significado de sintoma, ou seja, “mal-estar provocado pela ansiedade” e euforia no sentido de “alegria intensa, e via de regra, expansiva”⁴⁴. Ou, ainda: Bioética da incerteza como indutora de angústia à incerteza e como fator de alívio da angústia.

O clamor final da *Carta da Terra* deveria nos tocar profundamente em termos de sermos gestores e gestadores de um novo tempo em que a geração que nos segue, ao olhar para nós, possa testemunhar que uma utopia se tornou realidade e, por isso, existe futuro:

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência diante da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça, pela paz e pela alegre celebração da vida⁴⁵.

Como vimos ao longo do texto, Potter, ao criar o neologismo *bioética*, acrescentou a expressão *ponte para o futuro*. A problemática do meio ambiente, do aquecimento ambiental, enfim, as discussões em torno da ecologia que são hoje globalizadas tornam atualíssima a intuição potteriana. Mas acrescentamos que tão importante e atual quanto essa intuição original de *bioética ponte*, hoje, após 40 anos de caminho percorrido, é o conceito de *bioética ponte para a sociedade e para a cidadania*. Independentemente do conteúdo epistêmico, a bioética tem um grande significado de diálogo, de participação e comunicação efetiva com a sociedade. Diálogo dentro da própria comunidade científica e da comunidade com os diversos segmentos da sociedade; dado seu caráter pluralista, inter, multi e transdisciplinar, envolve todos os cidadãos, e, nesse sentido, o exercício autêntico da bioética pressupõe, como condição *sine qua non*, a comunicação e o diálogo. Tal diálogo implica não só informação e esclarecimento, mas, sobretudo, participação, deliberação e até decisão. Pela sua própria natureza, a bioética envolve todas as áreas do saber e dos diversos segmentos da sociedade, isto é, todo e qualquer cidadão. A bioética é, também, ponte para a cidadania, porque ela exige reflexão e/ou juízo crítico sobre valores e, por isso, contribui para a formação cidadã. Cabe a todos nós, manter o fluxo multidirecional livre, nessa ponte, não o atravancando de nenhuma maneira⁴⁶.

Essa é a busca utópica necessária de todos nós, para pensarmos crítica e criativamente os caminhos de uma esperança inquieta eufórica ao iniciarmos a década histórica de meio século de vida da bioética. Trata-se de uma esperança gerada a partir de uma angústia existencial criativa, que anseia por um “lugar certo” no futuro e aposta ousadamente em valores éticos que assumem o ser humano e seu contexto vital, na sua complexidade, originalidade e transcendência, como um valor fundamental e prioritário. Esse é o percurso que refletimos a partir de um ângulo

específico e especializado de cada área do saber humano (ética na ciência, cidadania, psicologia, teologia, cuidado, comunidade, conhecimento complexo, ecologia, neurociência, para citar alguns). Esse conhecimento colocado

na perspectiva de Bioética exposta pode, com certeza, se transformar em sabedoria profética reveladora de um compromisso ético de construirmos um futuro promissor, de vida feliz para todos.

REFERÊNCIAS

1. Rees M. Uma terra de ninguém? Para cosmólogo, a pior catástrofe não são os terremotos, mas a onda de desleixo que avassala o planeta. O Estado de São Paulo. Caderno Aliás, 7 Mar 2010, p. J4. (Entrevista concedida a Christian Carvalho Cruz)
2. Pessini L, Siqueira JE, Hossne WS. Bioética em tempo de incertezas. São Paulo: Edições Loyola / Centro Universitário São Camilo; 2010.
3. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de Bioética. 8a ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Edições Loyola; 2007.
4. Potter VR. Bioethics, science of survival. *Persp Biol Med.* 1970;14:127-53.
5. Potter VR. Bioethics – bridge to the future. New Jersey: Prentice Hall; 1971. p. vii.
6. Reich WT, editor. Introduction. In: Reich WT, editor. *Encyclopedia of Bioethics*. New York: Simon e Shuster Macmillan; 1995. v. 1, p. xxi.
7. Sass HM. Asian and European Roots of Bioethics: Fritz Jahr's 1927 Definition and Vision of Bioethics. *Asian Bioethics Rev.* 2009 Sep;1(3):185-97.
8. Pessini L, Hossne WS. Fritz Jahr: o imperativo bioético – nas origens da palavra Bioética. *Rev Bioethikos.* 2008;2(1):7-9.
9. Roa-Castellanos RA, Bauer E. Presentación de la palabra bioetica, del imperativo bioetico y de la noción de biopsicología por Fritz Jahr en 1929. *Rev Bioethikos.* 2009;3(2):158-70.
10. Pessini L. Bioética: um grito por dignidade de viver. 4a. ed. São Paulo: Paulinas; 2009.
11. Hossne WS, Vieira S. Experimentação com seres humanos. São Paulo: Moderna; 1988.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução 196/96. Normas éticas de pesquisa em seres humanos. D.O.U. 16 Out 1996.
13. Conselho Federal de Medicina. Iniciação à Bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 1988.
14. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de Bioética. 9a ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Edições Loyola; 2010.
15. Anjos MF, Siqueira JE, organizadores. Bioética no Brasil: tendências e perspectivas. Aparecida (SP): Sociedade Brasileira de Bioética / Ideias e Letras; 2005
16. Siqueira JE, Segre M. Human vulnerability. *J Int Bioethique.* 2008;19(1-2):11-154.
17. Pessini L, Barchifontaine CP, Lolas Stepke F. Ibero-American Bioethics: history and perspectives. New York: Springer; 2010.
18. Linton R. O homem: uma introdução à Antropologia. São Paulo: Martins Fontes; 1970.
19. Hobsbawm E. O novo século. São Paulo: Companhia das Letras; 2009. (Entrevista a Antonio Polito)
20. Adorno T. *Negative Dialectics*. London: Routledge; 1973.
21. Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Editora forense; 2007.
22. Arendt H. Homens em tempos sombrios. São Paulo: Companhia de Bolso; 2008.
23. Jung CG. *Obras Completas*. Petrópolis: Vozes; 1985.
24. Bauman Z. A sociedade individualizada. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
25. Habermas J. Teoria de la acción comunicativa. Madrid: Taurus; 1987.
26. Bindé J, organizador. Para onde vão os valores? Lisboa: Instituto Piaget, Unesco; 2004.
27. Bindé J, organizador. *Keys to the 21st Century*. Paris: Unesco Publishing; 2001.
28. Jonas H. O princípio responsabilidade: ensaio de um ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC-Rio; 2006.
29. Hossne WS. Dos referenciais da Bioética – a prudência. *Rev Bioethikos.* 2008 Jul;2(2):185-96.
30. Ricouer P. La Cite est fondamentalement périssable. *Le Monde*, 29 Oct 1991. (interview avec Roger-Pol Droit)
31. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8a ed. São Paulo: Cortez; 2003.
32. Heidegger M. Ser e Tempo. Trad Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes / Editora Universitária São Francisco; 2006.
33. Prigogine I. The Arrow of Time and the end of Certainty. In: Bindé J, editor. *Keys to the 21st. century*. Paris: Unesco Publishing; 2001.
34. Reich WT. The Word “bioethics”: its birth and the legacies of those who shaped it. *Kennedy Inst Ethics J.* 1994;4:3129-335.
35. Reich WT. The Word “bioethics”: its birth and the legacies of those who shaped it. *Kennedy Inst Ethics J.* 1995;5(1):19-34.

36. Potter VR. Global Bioethics. USA, Michigan: Michigan University Press; 1988.
37. Hossne WS. Bioética – ponto de vista. Rev Bioethikos. 2007;1:125-32.
38. Beauchamp TL, Childress JF. Princípios de Ética Biomédica. 4a ed. São Paulo: Edições Loyola; 2002.
39. Hossne WS. Princípios ou referenciais? Mundo Saúde. 2006;30(4):673-6.
40. Brody H. The future of Bioethics. New York: Oxford Press; 2009.
41. Fox RC, Swazey JP. Observing bioethics. New York: Oxford Press; 2008.
42. Lindsay RA. Future Bioethics: overcoming taboos, myths, and dogmas. New York: Prometheus books; 2008.
43. Green RM, Donovan A, Jaus SA. Global bioethics: issues of conscience for the twenty-first century. New York: Oxford; 2008.
44. Ferreira ABH. Novo dicionário da língua portuguesa. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
45. Boff L. A opção terra: a solução para a terra não cai do céu. São Paulo: Record; 2009.
46. Hossne WS, Pessini L. Bioética: ponte para a sociedade e ponte para a cidadania. Rev Bioethikos. 2010;4(1):7-9.

Recebido em: 12 de janeiro de 2010.
Aprovado em: 17 de março de 2010.